

# #ESTUDOEMCASA

AULA N.º 6

DISCIPLINA Leitura e Literatura

ANO(s) 7.º, 8.º e 9.º anos

Linguagens e textos

Informação e comunicação

Raciocínio e resolução de problemas

Pensamento crítico

Desenvolvimento pessoal e autonomia

**Aprendizagens Essenciais (3.º ciclo)**

**Oralidade**

Destacar o essencial de um texto audiovisual, tendo em conta o objetivo da audição/visionamento.

Sintetizar a informação recebida pela tomada de notas das ideias-chave.

ÁREA(S) DE CONHECIMENTO

APRENDIZAGENS ESSENCIAIS/PERFIL DOS ALUNOS

**Leitura**

Realizar leitura em voz alta, silenciosa e autónoma, não contínua e de pesquisa.

Explicitar o sentido global de um texto.

Fazer inferências devidamente justificadas.

Utilizar procedimentos de registo e tratamento da informação.

**Educação Literária**

Interpretar os textos em função do género literário.

Analisar o modo como os temas, as experiências e os valores são representados na obra e compará-lo com outras manifestações artísticas (música, pintura, filme, etc.)

Tema: Iguais na Diferença

Subtema: Diversidade e Identidade - visita de estudo - 1.ª Fase / Norte e Centro do país  
*Monumentos e sítios entrelaçam-se com a literatura: a grande memória*



(imagem retirada de <https://www.centerofportugal.com/pt/article/a-lenda-de-pedro-e-ines/>)

## Tarefas/ Atividades / Desafios

### 1. Reflexão sobre a diversidade e identidade de Portugal a partir dos seguintes monumentos e sítios (Direção-Geral do Património Cultural) visitados:

- a) Qual a importância de cada um destes monumentos e sítios na construção da identidade de Portugal? 7.º, 8.º e 9.º anos

- **Castelo de Guimarães** - fundação da nacionalidade
- **Cidade do Porto** - nome *Portu Cale*
- **Mosteiro de Lorvão** (Penacova) - manuscritos de Lorvão, um dos primeiros livros escritos em território português / a Biblioteca
- **Conímbriga** (Condeixa-a-Velha/Condeixa-a-Nova) - romanização / influência na civilização da Península Ibérica
- **Convento de Cristo** (Tomar) - a ordem dos Templários (ordem de Cristo) / D. Dinis - o Lavrador, o Trovador
- **Mosteiro de Alcobaça** - ordem de Cister / fixação das comunidades / a escultura - túmulos de D. Pedro e D. Inês

7.º, 8.º e 9.º anos

### 2. Reflexão sobre o modo como as figuras históricas se entrelaçam com a sua representação nos textos literários:

- a) Que características identificas, em cada um dos textos (abaixo indicados), relacionadas com os monumentos e sítios visitados?  
**Atenção** à correspondência texto / monumento

#### 1. TEXTOS: *D. Teresa* e *D. Beltrão* / Castelo de Guimarães

- *D. Teresa* (mãe de D. Afonso Henriques e esposa de D. Henrique de Borgonha) / *D. Tareja*

#### **D. Tareja**

As nações todas são mistérios.

Cada uma é todo o mundo a sós.

Ó mãe de reis e avó de impérios,

Vela por nós!

7.º, 8.º e 9.º anos

*Mensagem*, Fernando Pessoa

(Primeira Parte “O Brasão”, II. Os Castelos, Quarto, est. 1)

**DOM BELTRÃO**

— «Quedos, quedos, cavaleiros,  
Que el-rei os manda contar!»  
Contaram e recontaram,  
Só um lhe vinha a faltar:  
Era esse Dom Beltrão,  
Tão forte no batalhar;  
Nunca o acharam de menos  
Senão naquele contar,  
Senão ao passar do rio,  
Nos portos do mal passar.  
Deitam sortes à ventura  
A qual o devia ir buscar:  
Que ao partir fizeram todos  
Preito, homenagem no altar,  
O que na guerra morresse  
Dentro em França se enterrar.  
Sete vezes deitam sortes  
A quem no há-de ir buscar;  
Todas sete lhe caíram  
Ao bom velho de seu pai.  
Volta rédeas ao cavalo,  
Sem mais dizer nem falar...  
Que lhe sorte não caíra,  
Nunca ele havia de ficar.  
Triste e só se foi andando,  
Não cessava de chorar;  
De dia vai pelos montes,  
De noite vai pelo val;  
Aos pastores perguntando  
Se viram ali passar  
Cavaleiro de armas brancas,  
Seu cavalo tremedal.  
— «Cavaleiro de armas brancas,  
Se cavalo tremedal,  
Por esta ribeira fora  
Ninguém não no viu passar.»  
Vai andando, vai andando,

Sem nunca desanimar,  
Chega àquela mortandade  
Donde fora Roncesval:  
Os braços já tem cansados  
De tanto morto virar;  
Viu a todos os franceses,  
Dom Beltrão não pode achar.  
Volta atrás o velho triste,  
Voltou por um areal,  
Viu estar um perro moiro  
Em um adarve a velar:  
— «Por Deus te rogo, bom moiro,  
Me digas sem me enganar,  
Cavaleiro de armas brancas  
Se o viste por aqui passar.  
Ontem à noite seria,  
Horas de o galo cantar.  
Se entre vós está cativo,  
A oiro o hei-de pesar.»  
— «Esse cavaleiro, amigo,  
Diz-me tu que sinais traz.»  
— «Branças são as suas armas,  
O cavalo tremedal.  
Na ponta de sua lança  
Levava um branco cendal,  
Que lhe bordou sua dama  
Bordado a ponto real.»  
— «Esse cavaleiro, amigo,  
Morto está nesse pragal,  
Com as pernas dentro d'água,  
O corpo no areal.  
Sete feridas no peito  
A qual será mais mortal;  
Por uma lhe entra o sol,  
Por outra lhe entra o luar,  
Pela mais pequena delas  
Um gavião a voar.»  
— «Não torno culpa a meu filho,

Nem aos moiros de o matar;  
Torno a culpa ao seu cavalo  
De o não saber retirar.»  
Milagre! quem tal diria,  
Quem tal pudera contar!  
O cavalo meio morto  
Ali se pôs a falar:  
— «Não me tornes essa culpa,  
Que ma não podes tornar:

Três vezes o retirei,  
Três vezes para salvar;  
Três me deu de espora e rédea  
Co'a sanha de pelejar,  
Três vezes me apertou cilhas,  
Me alargou o peitoral...  
À terceira fui a terra  
Desta ferida mortal.»

*Romanceiro, Almeida Garrett*

## 2. TEXTOS: *Viriato* (excertos), *Os Lusíadas* / *Conímbriga*

«[...] O pastor falou:

— Desde os mais tenros anos, eu trabalho na deambulação (andar sem destino certo) dos gados das regiões calmosas para a frescura dos dois Hermínios (montes), e daqui dirigindo-os para os seus bostais (abrigos) na época das invernias. Neste serviço, em que me têm confiado mais de vinte mil cabeças de gado, e porque soube sempre defendê-lo dos perigos das barrocais, dos ursos e da pilhagem dos romanos, cheguei a maior, ou chefe da Mesta! Bem compreendeis, que embora novo, eu devo conhecer como as palmas das minhas mãos todos os territórios da nossa Lusitânia [...]. É esse conhecimento o que neste momento me dá um poder único e inesperado.» (p.57 / 58)

«O exército lusitano, prosseguindo no cumprimento do plano estratégico de Viriato, dirigiu-se para Tríbola. Pelo menos toda a cavalaria ligeira ficou atolada nas lamas, e com ela a infantaria composta de besteiros ibéros, germanos, gregos e asiáticos; e mesmo alguns centúrios e tribunos do comando das legiões. Uma tremenda desgraça, impossível de prever, e por ser caso único e excepcional, tanto mais inevitável até para um homem experimentado e cauto como Vetílio (cônsul/general romano).

Pela retaguarda do exército consular reapareceram os mil cavaleiros [...] de Viriato que tinham jurado acompanhá-lo [...] e que entendiam as suas ordens pelos silvos de uma buzina, como se usava na deambulação (andar sem destino certo) da Mesta (poderosa associação medieval de criadores de ovelhas). Viriato reconheceu [...] Caio Vetílio e ele mesmo pela sua mão o arrancou dos lamaçais em que se tinha prendido o cavalo.

— Não te matarei sem que te defendas.

Vetílio fitou, atónito, aquele homem magro e enxuto de carnes, e vendo que tudo para si estava acabado, atirou com a sua espada para o chão, renunciando como caricata a qualquer tentativa de defesa [...].

O exército consular (romano), reconhecendo-se sem chefe, abandonou o campo e tratou de pôr-se a salvo.»

(in *Viriato*, Teófilo braga, Editora Clube do Autor, 2019, p. 63 /64)

### ***Os Lusíadas*, Luís de Camões**

(Canto III, est. 20 a 22, e Canto I, est. 25 - seleção de versos)

Eis aqui, quase cume da cabeça  
Da Europa toda, o reino Lusitano,  
Onde a terra acaba, e o Mar começa,  
E onde Febo repousa no Oceano.

Esta é a ditosa Pátria minha amada,  
Esta foi Lusitânia.

Desta o pastor nasceu, que no seu nome  
Se vê que de homem forte os feitos teve;  
Cuja fama ninguém virá que dome,  
Pois a grande Roma não se atreve.

3. TEXTOS: *Os Lusíadas*, *Antes do fim do mundo*, *despertar* (Miguel Torga) / *Mosteiro de Alcobaça* (Túmulos de D. Pedro e D. Inês, obras-primas da escultura gótica europeia - expressão material do amor intemporal)

*Os Lusíadas*, Luís Vaz de Camões, Canto III, est.120 - **Episódio lírico de Pedro e Inês**

"Estavas, linda Inês, posta em sossego,  
De teus anos colhendo doce fruto,  
Naquele engano da alma, ledo e cego,  
Que a fortuna não deixa durar muito,  
Nos saudosos campos do Mondego,  
De teus fermosos olhos nunca enxuto,  
Aos montes ensinando e às ervinhas  
O nome que no peito escrito tinhas.

Poema de Miguel Torga - Pedro e Inês  
*Antes do fim do mundo, despertar*

Antes do fim do mundo, despertar,  
Sem D. Pedro sentir,  
E dizer às donzelas que o luar  
E o aceno do amado que há-de vir...

E mostrar-lhes que o amor contrariado  
Triunfa até da própria sepultura:  
O amante, mais terno e apaixonado,  
Ergue a noiva caída à sua altura.

E pedir-lhes, depois fidelidade humana  
Ao mito do poeta, à linda Inês...  
À eterna Julieta castelhana  
Do Romeu português.

Miguel Torga (*Poemas Ibéricos*, 1965)

**DESAFIO:** Qual a cidade portuguesa que terá sido fundada pelo herói grego Ulisses?